

## APRESENTAÇÃO

Os textos aqui reunidos apresentam análises sobre as línguas, sobre as palavras, sobre os instrumentos linguísticos e sobre as disciplinas linguísticas tomadas na história. São estudos discursivos, enunciativos e de história das ideias linguísticas, textos que se entrelaçam por afinidades teóricas, por entrecruzamentos de conceitos, por conexões temáticas, ao mesmo tempo em que apresentam especificidades, com recortes de análise e procedimentos teórico-metodológicos específicos. Os materiais estudados são diversos: gramáticas, dicionários, manuais de linguística, índices de revistas, textos jornalísticos, livros, *sites*, autores.

Um dos direcionamentos dos trabalhos é a análise de discursos sobre a língua em dois países de colonização portuguesa: Brasil e Cabo Verde. Esses estudos nos fazem perceber diferentes modos de tratar a língua, seja como memória institucional, seja sob certas formas de mistura de línguas. No caso brasileiro, com o trabalho de Dantielli Assumpção Garcia (IBILCE-UNESP), vemos como a organização do saber em um índice da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), em finais do século XIX, atribui sentidos para as línguas indígenas ao classificá-las, estabelecendo uma memória institucional de certas famílias linguísticas (caso do Tup-Guarani) e o silenciamento de outras. Já na análise do caso de Cabo Verde, por Luiza Kátia A. Castello Branco (IEL-UNICAMP), a nomeação “crioulo”, observada em dicionários do século XVIII ao XXI e em textos de Linguística, Sociolinguística e Filologia no século XX, abre para direções de significação que envolvem sentidos depreciativos, a oposição entre civilização e cultura, sentidos de fraternidade, mistura de línguas, alternância na língua de base (europeia ou nativa), modos de relação com a língua materna, a língua oficial, a língua nacional. Em ambas as análises, percebe-se que o funcionamento do interdiscurso tem um lugar decisivo, na medida em que está em questão a memória/esquecimento do processo de colonização, no jogo tenso entre a unidade e a diversidade de línguas.

Outro eixo de análises objetiva compreender os sentidos das palavras em dicionários e em textos jornalísticos. Esses trabalhos mostram, por um lado, a estabilização de certos sentidos nos dicionários, e de outro, o aparecimento de novas unidades lexicais com sentidos específicos e não contemplados nos dicionários. Ao analisar a palavra “violência” em dicionários

de língua portuguesa, Raquel Ribeiro Moreira (UTFPR), efetuando uma crítica à visão holística desses instrumentos, mostra que a violência é significativamente tendencialmente como prática individual, interna ao sujeito, numa perspectiva individualizante, mas ao mesmo tempo irrompem sentidos que apontam para situações, como no caso da censura, em que a violência não se limita a casos isolados. Enquanto isso, a análise de Maria Teresa Martins (IBILCE/UNESP) aborda transformações nos discursos citadinos, que levam a novos sentidos de certas unidades lexicais. É o caso de “bairro educador”, que no discurso analisado em jornais significa a escola como espaço de ações sociais que visam à transformação da favela em bairro, ao passo que “bairro escola” significa um movimento de transposição do espaço da escola em direção à utilização de todos os espaços do bairro como “lugares de aprendizagem”. Assim, de um lado, o conhecimento linguístico mantém uma visão homogeneizante de fatos urbanos, reproduzidos historicamente; de outro, ele irrompe deslocando sentidos, ainda não instrumentalizados.

Além do dicionário, a gramática é abordada em um estudo sobre a definição enquanto “formulação que produz um efeito de evidência”. Ao se colocar ao modo da “precisão”, a definição na gramática interdita outros sentidos possíveis. Analisando gramáticas brasileiras publicadas após a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), Maria Iraci S. Costa (Lab.Corpus/UFSM) mostra como a definição de termos gramaticais é afetada: os termos teóricos, como *frase*, *oração* e *período*, mostram-se pouco variáveis, enquanto as definições apresentam variações significativas no discurso. Assim, embora a definição se apresente ao modo da transparência e da precisão, a análise nos leva a perceber que há determinações históricas que incidem sobre seu modo de funcionamento na gramática.

Um último eixo de análises volta-se para o estudo da disciplinarização dos estudos linguísticos em manuais. Caroline M. Schneiders (UFSM), ao analisar os livros introdutórios de Leonor Scliar Cabral (*Introdução à Linguística*, 1973) e de José Luiz Fiorin (*Introdução à Linguística I e II*, 2005), explicita as diferenças no modo de conceber a Linguística. No primeiro caso, a Linguística é abordada com o objetivo de consolidar a nova ciência e os que são denominados de linguistas, priorizando o “objeto da linguística”. No segundo, a linguística é entendida como uma ciência que abarca diferentes modos de conceber o “fenômeno linguístico”, considerando-se as várias vertentes que integram os estudos linguísticos e o fato de que as escolhas das questões marcam posições ideológicas e históricas. Já o trabalho de Juciane Ferigolo

Parcianello (UFSM) mostra como a Semântica aparece nos livros de iniciação à Linguística (os de Leonor S. Cabral, de 1974, e Fernanda Mussalim e Ana Bentes, de 2006). Enquanto no primeiro a tendência da semântica estruturalista tem um lugar amplo, no segundo ela dá lugar à semântica logicista.

Assim, o leitor encontrará nas páginas que seguem análises atentas à historicidade dos sentidos e das palavras, às transformações das ciências da linguagem, ao funcionamento dos instrumentos linguísticos como dicionários, gramáticas e manuais, bem como às relações entre língua, sujeito, sociedade, ciência, escola, universidade, Estado. Algo que impressiona nessas reflexões sobre o conhecimento linguístico é a vivacidade de uma perspectiva que alia o estudo histórico das ciências da linguagem e suas tecnologias à análise de discursos contemporâneos que envolvem a sociedade e a conjuntura urbana, como complexo discursivo em que se encontram sujeitos e línguas.

*José Horta Nunes*  
(LABEURB/NUDECRI/UNICAMP)